

O DIAGNÓSTICO TURÍSTICO NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE SINALIZAÇÃO DE ORIENTAÇÃO TURÍSTICA

Emanoel Silva AMORIM¹

Resumo

A estratégia de sinalização é basicamente a definição de como pedestres e usuários de veículos podem utilizar a infraestrutura local, para atingir os atrativos existentes por meio da escolha dos melhores trajetos. Partindo-se da abrangência e do conhecimento que a população tem desses atrativos, é possível selecioná-los e hierarquizá-los. O presente trabalho tem objetivo de apresentar as etapas metodológicas e resultados obtidos no processo de elaboração do diagnóstico turístico do projeto de sinalização de orientação turística do Polo Turístico Serrano, situado no estado do Rio Grande do Norte, realizado durante o período de setembro/2015 a junho/2016. Utilizando a metodologia de pesquisa subdividida em duas partes: a identificação dos atrativos turísticos e a sua hierarquização, seguindo as diretrizes no relatório de roteirização turística descritas no Módulo 7 (MTur, 2007). Através do diagnóstico turístico foram identificados 46 atrativos, sendo considerados viáveis com pequenas adequações apenas 05 atrativos. Além disso, 29 atrativos foram considerados viáveis com grandes adequações e 12 atrativos sendo inviáveis. Dessa forma, conclui-se que diagnóstico turístico é uma ferramenta imprescindível de planejamento, tendo como premissa a investigação do fenômeno turístico sob diferentes ângulos de observação, ou seja, sob a forma de segmentos de mercado.

Palavras chave: Sinalização Turística; Roteirização Turística; Atrativo Turístico.

Abstract

The signaling strategy is basically the definition of how pedestrians and vehicle users can use the local infrastructure, to reach the existing attractions by choosing the best routes. Based on the scope and knowledge that the population has about these attractions, it is possible to select and rank them. The present work aims to present the methodological steps and results obtained in the process of elaborating the

1 Mestrando em Engenharia Civil no Programa de Engenharia Civil (Escola Politécnica da Universidade de Pernambuco (POLI /UPE). Atualmente é pesquisador do POLITECH - Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Tecnologia e Gestão da Construção de Edifícios (POLI/UPE) . Email: esa7@poli.br

tourist diagnosis of the tourist orientation signage project of the Polo Turístico Agreste/Trairí, located in the state of Rio Grande do Norte, carried out during the period of September/ 2015 to June/2016. Using the research methodology divided into two parts: the identification of tourist attractions and their hierarchy, following the guidelines in the tourist routing report described in Module 7 (MTur, 2007). Through the tourist diagnosis, 46 attractions were identified, being considered viable with small adjustments only 05 attractions. In addition, 29 attractions were considered viable with major adaptations and 12 attractions being unfeasible. Thus, it is concluded that tourist diagnosis is an essential planning tool, having as its premise the investigation of the tourist phenomenon from different angles of observation, that is, in the form of market segments.

Keywords: Tourist Signs; Tourist Routing; Tourist Attractiveness.

1. Introdução

Atualmente, “os sistemas de sinalização do trânsito foram se tornando mais complexo e onipresente, atendendo a demanda do usuário de se localizar e de fornecer o melhor acesso às atrações e recursos turísticos de um território” (RODRIGUES; AMORIM, 2018, p. 181). Por isso, a sinalização de orientação turística (SOT) surgiu com o objetivo de proporcionar informações e contribuir ao processo de difusão do conhecimento e do desenvolvimento dos atrativos e da atividade turística, potencializando a geração de empregos e divisas, além de permitir a democratização do acesso ao bem cultural e sua conseqüente valorização pela comunidade à qual pertence (MORAES, 2010).

Dessa forma, para atender aos usuários em seus diversos deslocamentos é necessário o estabelecimento de critérios específicos, por meio da padronização e da seqüência de mensagens apresentadas nas SOT (AMORIM; GOMES, 2017), as quais se tornam dispositivos que facilitam o deslocamento e a acessibilidade aos atrativos turísticos e aos equipamentos de interesse dessa atividade, se integrando a infraestrutura necessária ao turismo local (SILVA; CASTRO, 2017). Entretanto, “a sinalização vertical de orientação turística, quando existente, é muitas vezes insuficiente e sem padronização, dificultando aos usuários a compreensão das mensagens” (EMBRATUR, DENATRAN, IPHAN, 2001, p. 20). Para tanto, com base nos planejamentos regional, urbano e turístico, assim como na política de preservação, devem ser formuladas diretrizes que resguardem seus valores,

incentivem o turismo responsável e contemplem as atrações existentes (EMBRATUR, DENATRAN, IPHAN, 2001).

Portanto, deve ser feito o diagnóstico turístico, que é conhecido por apresentar um levantamento criterioso dos atrativos existentes em cada localidade, identificando o potencial turístico e as condições oferecidas para recebimento do público-alvo. Sendo avaliada a sua distribuição na área a ser sinalizada, observando se estão dispersos ou concentrados, ou se ocorre as duas situações (RODRIGUES; AMORIM, 2018). E posteriormente, os atrativos identificados são hierarquizados de acordo com os critérios de atratividade, atendimento e abrangência dentro da região, do município, ao longo de uma rodovia ou de outro sistema viário de importância, levando em consideração o segmento de turismo promovido pelos atrativos, orientando a seleção e a ordenação das mensagens nas placas de sinalização (EMBRATUR, DENATRAN, IPHAN, 2001).

Dito isso, o presente trabalho tem objetivo de apresentar as etapas metodológicas e resultados obtidos no processo de elaboração do diagnóstico turístico do projeto de sinalização de orientação turística do Polo Turístico Agreste/Trairí, situado no estado do Rio Grande do Norte, realizado durante o período de setembro/2015 a junho/2016.

2. Caracterização da área

Caracterizado pelo clima ameno que varia entre 16 e 22 graus, durante boa parte do ano, o Polo Serrano está localizado no semiárido nordestino, apresentando um relevo de montanhas e grutas, os quais favorecem o ecoturismo e o turismo de aventura. Além do clima de serra, que se mostra bastante convidativo, o polo dispõe de diversas opções naturais e gastronômicas, conferindo uma experiência diferenciada associada ao calendário de eventos da região (conforme Figura 1 e 2).

Figura 1 – Lajedo Soledade, Apodi/RN



Fonte: Autores (2016).

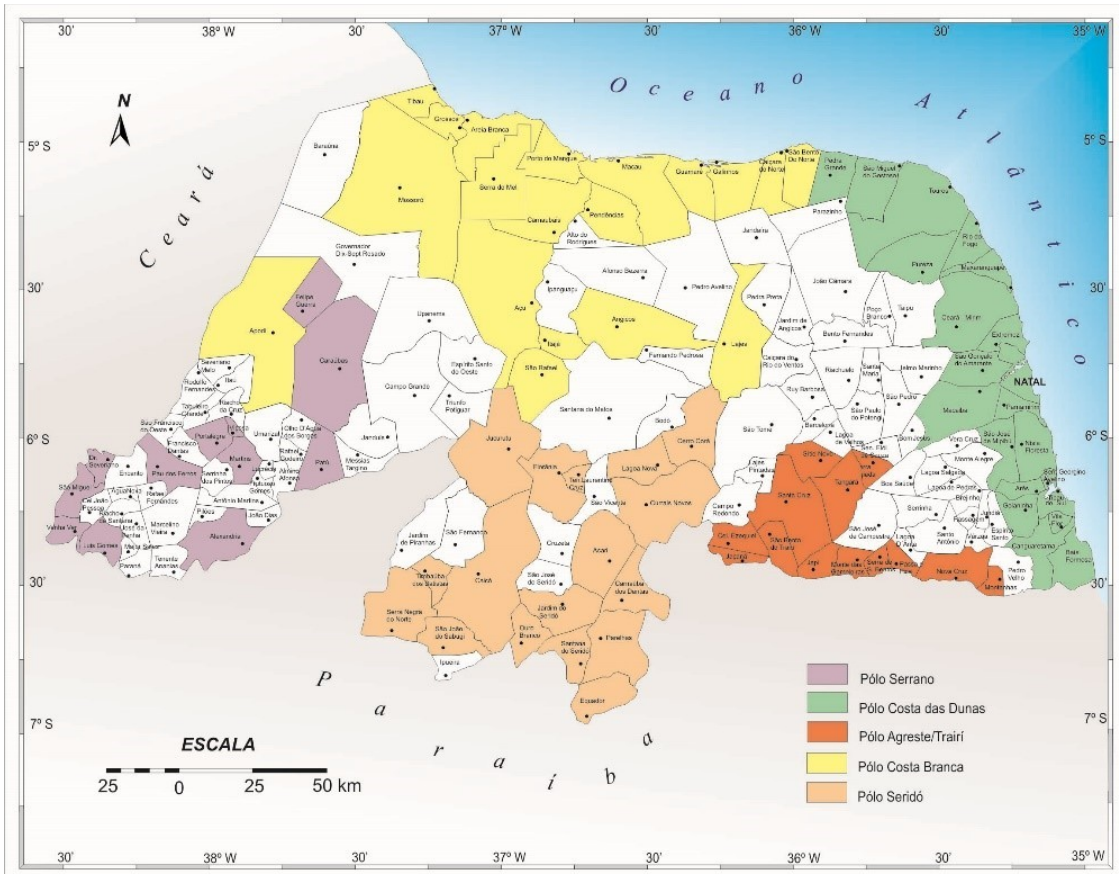
Figura 2 – Centro Histórico de Apodi, Apodi/RN



Fonte: Autores (2016).

Dentre os municípios que compõem o polo, encontram-se: Alexandria, Apodi, Caraúbas, Doutor Severiano, Frutuoso Gomes, José da Penha, Luís Gomes, Lucrécia, Martins, Major Sales, Patu, Pau dos Ferros, Portalegre, São Miguel, Serrinha dos Pintos, Riacho da Cruz, Venha Ver, Viçosa, conforme Figura 3.

Figura 3 – Regiões Turísticas no Rio Grande do Norte, identificadas pelo Ministério do Turismo



Fonte: MTUR, Mapa da Regionalização do Turismo (2006).

3. Procedimentos metodológicos

3.1 Etapa 01 – Identificação dos atrativos turísticos

A identificação dos atrativos com potencial turístico no polo foi iniciada a partir da pesquisa em dados secundários, tendo a pesquisa inicial constado, ademais, de conversas com a Secretaria de Turismo do RN, a fim de buscar mais informações concernentes ao polo. Também, frente ao levantamento preliminar de atrativos,

foram realizadas reuniões com a Secretaria a fim de ratificar os potenciais atrativos a serem visitados, os quais poderiam sofrer alterações a partir da observação *in loco*.

Antes da realização da coleta de dados *in loco* e articulação de conversas com atores locais, foi definida uma estratégia de visitação a qual contou com o apoio da Secretaria de Turismo do RN, inclusive, posteriormente no acompanhamento das atividades de campo.

Para a realização da coleta de dados *in loco*, foi utilizado como referência o guia do Inventário da Oferta Turística (MTur, 2011), elaborado pelo Ministério do Turismo, o qual visa contribuir na estruturação do turismo sustentável, orientando e auxiliando no processo de dimensionamento da atividade turística. Para tanto, foram utilizados os formulários relativos aos atrativos identificados e manual operacional (conforme modelo apresentado na Figura 04), também disponibilizados pelo MTur, a fim de auxiliar na categorização e levantamento das informações dos equipamentos nos municípios visitados.

Figura 4 – Modelo de formulário de identificação de atrativos

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO AMPARO



NOME POPULAR: MATRIZ DE NOSSA SENHORA
 CNPJ: 08.026.122/0029-60
 CATEGORIA: C.2. ATRATIVOS CULTURAIS
 TIPO: C.2.13. ARQUITETURA RELIGIOSA
 SUBTIPO: C.2.13.1. IGREJA
 NATUREZA: PRIVADA
 TIPO DE ORGANIZAÇÃO/ INSTITUIÇÃO: ASSOCIAÇÃO
 LOCALIZAÇÃO: URBANA
 LATITUDE: 6°22'58.01"
 LONGITUDE: 36°12'55.78"
 ENDEREÇO: PRAÇA JOSÉ PEDRO DE FARIAS, CENTRO - CEP: 59.220-000
 ENDEREÇO ELETRÔNICO: pe.otto@ig.com.br e og.vieira@uol.com.br
 SÍTIU ELETRÔNICO (SITE/ PÁGINA WEB): N/L

DESCRIPTIVO DAS ESPECIFICIDADES DO ATRATIVO:
 A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo promove a realização de sacramentos, eventos religiosos, e ações sociais.

POTENCIAL DE ATIVIDADE DO ELEMENTO: 01
 GRAU DE USO ATUAL: 02
 REPRESENTATIVIDADE: 01
 APOIO LOCAL E COMUNITÁRIO: 03
 ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM CIRCUNDANTE: 01
 INFRAESTRUTURA: 02
 ACESSO: 03
 PONTUAÇÃO TOTAL: 15

OBSERVAÇÕES
 O horário de funcionamento nas terças, quartas e sextas às 19h, aos sábados às 19h, aos domingos às 19h e na primeira Sexta de cada mês às 06h30.

REFERÊNCIAS
 Observações *in loco*.

LEGENDA

| | | | | |
|---|--|------------------------------------|--------------------------------------|--|
| Potencial de atratividade Grau de utilização Representatividade Apoio local e comunitário Estado de conservação da paisagem circundante Infraestrutura Acesso | 0 - Nenhum 1 - Pouco atrativo/insignificante 2 - Atrativo 3 - Essencial | 1 - Baixo 2 - Médio 3 - Alto | 1 - Não há 2 - Pouco 3 - Muito | 1 - Não há 2 - Não há 3 - Não há |
|---|--|------------------------------------|--------------------------------------|--|

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| 1 - Elemento histórico significativo 2 - Elemento histórico comum 3 - Elemento histórico relevante | 1 - Elemento histórico significativo 2 - Elemento histórico comum 3 - Elemento histórico relevante | 1 - Elemento histórico significativo 2 - Elemento histórico comum 3 - Elemento histórico relevante | 1 - Elemento histórico significativo 2 - Elemento histórico comum 3 - Elemento histórico relevante | 1 - Elemento histórico significativo 2 - Elemento histórico comum 3 - Elemento histórico relevante |
|--|--|--|--|--|



RIO GRANDE DO NORTE



Diagnóstico Turístico
 Polo Agreste/Trairi

Coronel Ezequiel

Consórcio
 atp
 engenharia
 Premier

Codi cação:
 01-2402808.01

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

3.2 Etapa 02 – Hierarquização dos atrativos turísticos

Após a sistematização dos atrativos com potencial turístico nos polos, realizou-se o processo de hierarquização, o qual teve como base a metodologia no MTur apresentada no relatório de Roteirização Turística (Módulo 7 – MTur, 2007), e que entende enquanto atrativos turísticos: locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações que tenham a capacidade de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los (MTur, 2007). A metodologia sugerida pelo MTur é uma adaptação daquela utilizada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e pelo Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR) para a hierarquização de atrativos turísticos.

O objetivo da aplicação dessa metodologia é auxiliar na avaliação do grau de importância dos atrativos identificados, possibilitando a priorização dos mesmos para auxiliar na tomada de decisões pelos gestores. Desse modo, foram realizadas duas etapas onde num primeiro momento foi avaliado o potencial de atratividade do elemento, conforme sua especificidade e interesse que ele pode despertar nos turistas, sendo atribuídos conceitos que variam de 0 (zero) a 3 (três); observando-se também toda a pesquisa de campo, reuniões técnicas e pesquisas secundárias. Para tanto, são considerados os seguintes critérios:

Figura 5 – Critérios de avaliação do potencial de atratividade

| Hierarquização | Caracterização |
|----------------|---|
| 3 (Alto) | É todo atrativo turístico excepcional e de grande interesse, com significação para o mercado turístico internacional, capaz de, por si só, motivar importantes correntes de visitantes, atuais e potenciais. |
| 2 (Médio) | Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes deste país ou estrangeiro, em conjunto com outros atrativos próximos a este. |
| 1 (Baixo) | Atrativos com algum aspecto expressivo, capazes de interessar visitantes oriundos de lugares no próprio país, que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, ou capazes de motivar fluxos turísticos regionais e locais (atuais e potenciais). |
| 0 (Nenhum) | Atrativos sem mérito suficiente, mas que formam parte do patrimônio turístico como elementos que podem complementar outros de maior hierarquia. Podem motivar correntes turísticas locais, em particular a demanda de recreação popular. |

Fonte: Roteirização Turística (MTUR, 2007)

Em seguida, são avaliados outros aspectos que possibilitam a definição da hierarquia, conforme indicado a seguir:

- a. Grau de uso atual: considera o atual fluxo turístico e sua importância para o município. Por representar a situação atual, por isso difere do potencial de atratividade. Um alto grau de uso indica que o atrativo apresenta uma utilização turística efetiva.
 - b. Representatividade: fundamenta-se na singularidade ou raridade do atrativo. Quanto mais se assemelhar a outros atrativos, menos interessante ou prioritário.
 - c. Apoio local e comunitário: analisa o grau de interesse da comunidade local para o desenvolvimento e disponibilidade ao público, a partir da opinião dos líderes comunitários.
 - d. Estado de conservação da paisagem circundante: verifica-se, a partir da observação in loco, o estado de conservação da paisagem que circunda o atrativo.
 - e. Infraestrutura: observar, in loco, a existência de infraestrutura disponível no atrativo e o estado desta.
 - f. Acesso: deve-se verificar as vias de acesso existentes e as condições de uso destas.
- (MTUR, 2007, p. 35)

Tais itens foram numerados 0 a 3, conforme Figura 6, tendo como parâmetro de comparação os próprios atrativos do Polo.

Figura 6 – Critérios de classificação hierárquica

| CRITÉRIOS | VALORES | | | |
|---|--------------------------------|---|--|--|
| | 0 | 1 | 2 | 3 |
| Potencial de atratividade | Nenhum | Baixo | Médio | Alto |
| Grau de uso atual | Fluxo turístico insignificante | Pequeno fluxo | Média intensidade de fluxo | Grande fluxo |
| Representatividade | Nenhuma | Elemento bastante comum | Pequeno grupo de elementos similares | Elemento singular, raro |
| Apoio local e comunitário | Nenhum | Apoiado por uma pequena parte da comunidade | Apoio razoável | Apoiado por grande parte da comunidade |
| Estado de conservação da paisagem circundante | Estado de conservação péssimo | Estado de conservação regular | Bom estado de conservação | Ótimo estado de conservação |
| Infraestrutura | Inexistente | Existente, porém em estado precário | Existente, mas necessitando de intervenções/ melhorias | Existente e em ótimas condições |

Fonte: Roteirização Turística (MTUR, 2007)

Segundo a metodologia do MTur, os itens “potencial de atratividade” e “representatividade” devem receber a pontuação em dobro, ou seja, ter peso dois, por serem mais significativos em comparação com os demais itens avaliados.

4. Análise e discussão

As informações apresentadas neste tópico referem-se ao levantamento in loco, realizado pela equipe de pesquisadores, onde foram identificados 92 (noventa e dois) atrativos. Na Figura 7 e 8 é apresentado o resultado da hierarquização dos atrativos turísticos do Polo:

Figura 7 – Hierarquização dos atrativos (parte 01/02)

AMORIM / O DIAGNÓSTICO TURÍSTICO NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE PROJETOS...

| Atrativos Polo Serrano | Critérios de Hierarquização | | | | | | | TOTAL |
|--|--------------------------------|-------------------|--------------------|---------------------------|---|----------------|--------|-------|
| | Potencial de Atratividade (X2) | Grau de Uso Atual | Representatividade | Apoio Local e Comunitário | Estado de Conservação da Paisagem Circundante | Infraestrutura | Acesso | |
| ALEXANDRIA | | | | | | | | |
| Igreja de Nossa Senhora da Conceição | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | 2 | 2 | 15 |
| Capela de Santa Filomena | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | 8 |
| Casa de Cultura Popular | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 2 | 11 |
| Serra da Barriguda | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 0 | 2 | 14 |
| Serra de Santana | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 6 |
| Escola Waldemar de Sousa Veras | 1 | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 | 2 | 8 |
| Instituto Zulmirinha Veras | 0 | 0 | 1 | 2 | 0 | 1 | 1 | 6 |
| APODI | | | | | | | | |
| Lajedo Soledade | 2 | 2 | 3 | 3 | 2 | 2 | 2 | 21 |
| Casa de Cultura P. Palácio Soledade | 0 | 0 | 1 | 2 | 1 | 1 | 2 | 8 |
| Igreja Matriz de N. S. da Conceição | 1 | 0 | 1 | 2 | 1 | 0 | 2 | 9 |
| Zoológico de Pedras | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5 |
| Barragem de Santa Cruz | 1 | 1 | 1 | 3 | 1 | 1 | 1 | 11 |
| Centro Histórico | 1 | 0 | 2 | 1 | 1 | 1 | 2 | 11 |
| CARAÚBAS | | | | | | | | |
| Paróquia de São Sebastião | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 8 |
| Casa de Cultura Popular de Caraúbas | 1 | 0 | 1 | 2 | 1 | 1 | 2 | 10 |
| Casarão do Sabe Muito | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5 |
| Casa de Quincas Saldanha | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5 |
| Mercado Público de Caraúbas | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 | 0 | 2 | 7 |
| Olho D'água Park Hotel | 1 | 1 | 2 | 3 | 1 | 2 | 2 | 15 |
| DOUTOR SEVERIANO | | | | | | | | |
| Igreja de Santa Luzia | 1 | 3 | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 18 |
| Associação Artística, Cultural e Musical | 1 | 2 | 1 | 2 | 0 | 1 | 1 | 10 |
| FRUTUOSO GOMES | | | | | | | | |
| Casa de Cultura de Frutuoso Gomes | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 | 2 | 2 | 9 |
| Trilha do Pé de Serra | 1 | 0 | 2 | 1 | 1 | 0 | 1 | 9 |
| Museu Mumbaça | 0 | 0 | 3 | 2 | 2 | 0 | 3 | 13 |
| Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro | 0 | 0 | 1 | 2 | 2 | 0 | 2 | 8 |
| JOSÉ DA PENHA | | | | | | | | |
| Igreja de São Francisco de Assis | 0 | 0 | 1 | 2 | 2 | 0 | 2 | 8 |
| Açude da Barra | 1 | 0 | 1 | 2 | 0 | 1 | 2 | 9 |
| Museu Cultural do Sertanejo Chico Bento | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 3 | 6 |
| LUÍS GOMES | | | | | | | | |
| Complexo Turístico Mirante | 1 | 3 | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 18 |
| Cachoeira do Relo | 1 | 3 | 1 | 3 | 3 | 3 | 2 | 18 |
| Igreja de Senhora Santana | 1 | 3 | 1 | 2 | 1 | 2 | 3 | 15 |
| Mercado Público de Luís Gomes | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 7 |
| Casa de Engenho | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 6 |
| Casa de Farinha | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 6 |
| Alto do Tabor | 2 | 0 | 1 | 2 | 0 | 0 | 1 | 9 |
| LUCRÉCIA | | | | | | | | |
| Cruz dos Três Heróis | 1 | 0 | 2 | 2 | 1 | 0 | 1 | 10 |
| Açude de Lucrécia | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 6 |
| Trilha do Mirante de São João | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 3 |
| Casa de Egidio Dias | 1 | 0 | 2 | 1 | 1 | 0 | 2 | 10 |
| Caldeirões | 1 | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 | 8 |
| MARTINS | | | | | | | | |
| Igreja Matriz N. S. da I. Conceição | 1 | 2 | 1 | 2 | 2 | 3 | 3 | 16 |
| Nicho Nossa Senhora do Livramento | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 8 |
| Museu Histórico de Martins | 2 | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 16 |
| Museu Cultural Demétrio Lemos | 2 | 1 | 3 | 2 | 2 | 2 | 3 | 20 |
| Memorial Manoel Lino de Paiva | 1 | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | 14 |
| Museu Junior Marcelino | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 3 | 10 |
| Mirante da Carranca | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 3 | 3 | 21 |
| Mirante do Canto | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 3 | 3 | 21 |
| Mirante Encanto da Serra | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 3 | 3 | 21 |
| Mirante Mãe Guilé | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 2 | 2 | 19 |
| Cada de Pedra | 2 | 2 | 3 | 3 | 2 | 3 | 1 | 21 |
| Pedra Rajada | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 0 | 2 | 14 |
| Pedra do Sapo | 1 | 1 | 2 | 2 | 0 | 0 | 1 | 10 |
| Trilha Pôr- do-sol | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 4 |
| Reserva Ecológica do Senhor Clezinho | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 4 |

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Figura 8 – Hierarquização dos atrativos (parte 02/02)

| Atrativos Polo Serrano | Critérios de Hierarquização | | | | | | | TOTAL |
|---|-----------------------------------|----------------------|--------------------|------------------------------|--|----------------|--------|-------|
| | Potencial de Atratividade (X2) | Grau de Uso Atual | Representatividade | Apoio Local e Comunitário | Estado de Conservação da Paisagem Circundante | Infraestrutura | Acesso | |
| MAJOR SALES | | | | | | | | |
| Associação Comunitária Sociocultural | 0 | 0 | 1 | 3 | 2 | 1 | 2 | 10 |
| Museu Cultural Francisca Dantas de Moraes | 0 | 0 | 1 | 2 | 2 | 0 | 2 | 8 |
| Museu Cultural Major Sales | 0 | 1 | 1 | 3 | 1 | 1 | 2 | 10 |
| Pontinho da Cultura | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 4 |
| PATU | | | | | | | | |
| Museu Rural de Patu | 1 | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 14 |
| Santuário de N. S. dos Impossíveis | 1 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 23 |
| Igreja Matriz de N. S. das Dores | 1 | 3 | 1 | 2 | 2 | 3 | 3 | 17 |
| Cruzeiro de São Sebastião | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 0 | 1 | 9 |
| Rampa de Voo Livre | 2 | 2 | 3 | 2 | 1 | 1 | 2 | 18 |
| Sítio Arqueológico do Jatobá | 1 | 1 | 3 | 2 | 1 | 0 | 2 | 14 |
| Gruta de Jesuino Brilhante | 1 | 2 | 2 | 2 | 1 | 0 | 2 | 13 |
| PAU DOS FERROS | | | | | | | | |
| Terminal Turístico | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | 2 | 12 |
| Igreja Matriz N. S. da Conceição | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 3 | 3 | 21 |
| Obelisco do Centenário | 1 | 1 | 1 | 0 | 2 | 3 | 3 | 13 |
| Praça Monsenhor Caminha | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 17 |
| Casa de Cultura Popular | 1 | 3 | 2 | 3 | 2 | 2 | 3 | 19 |
| Centro de Artesanato Maria Genúria Aires Rego | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 17 |
| Mercado Público M. Antônio Soares de Holanda | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 | 0 | 3 | 8 |
| Aeroporto de Pau dos Ferros | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 10 |
| Prefeitura de Pau dos Ferros | 2 | 0 | 1 | 3 | 2 | 3 | 3 | 17 |
| Capela de São Benedito | 1 | 0 | 1 | 2 | 2 | 0 | 2 | 10 |
| Praça de Eventos N. S. da Conceição | 2 | 1 | 1 | 3 | 3 | 3 | 3 | 19 |
| Barragem de Pau dos Ferros | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 6 |
| Museu da Cultura Sertaneja | 2 | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 17 |
| Feira Livre de Pau dos Ferros | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 6 |
| PORTALEGRE | | | | | | | | |
| Mirante da Boa Vista | 0 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 8 |
| Igreja de Nossa Senhora da Conceição | 0 | 0 | 1 | 2 | 2 | 0 | 2 | 8 |
| Mirante Alto da Serra | 0 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 2 | 10 |
| Mirante da Ponta da Serra | 1 | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 | 8 |
| Torres de Portalegre | 2 | 0 | 2 | 1 | 1 | 0 | 1 | 11 |
| Casa de Câmara e Cadeia | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 3 | 6 |
| Cachoeira do Pinga | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 11 |
| Terminal Turístico da Fonte Bica | 1 | 1 | 2 | 2 | 1 | 2 | 2 | 14 |
| SÃO MIGUEL | | | | | | | | |
| Açude do Jacó | 0 | 0 | 1 | 2 | 0 | 0 | 1 | 5 |
| Parque da Lagoa de São Miguel | 1 | 1 | 1 | 3 | 1 | 1 | 2 | 12 |
| Praça de São Miguel | 0 | 0 | 0 | 2 | 2 | 1 | 3 | 8 |
| Serra do Serrote Verde | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 2 | 9 |
| Açude Bonito | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 6 |
| SERRINHA DOS PINTOS | | | | | | | | |
| Igreja de Nossa Senhora da Salette | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | 2 | 3 | 16 |
| Pedra do Nariz | 1 | 2 | 2 | 2 | 1 | 0 | 1 | 12 |
| Terminal Turístico | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | 2 | 2 | 15 |
| Lajedo de Tota | 1 | 1 | 2 | 2 | 1 | 0 | 2 | 12 |
| Lajedo de Bastiões | 1 | 2 | 2 | 3 | 1 | 0 | 1 | 13 |
| RIACHO DA CRUZ | | | | | | | | |
| Trilha do Poço da Vaca | 0 | 0 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 8 |
| VENHA VER | | | | | | | | |
| Santuário de Frei Damião | 1 | 1 | 2 | 2 | 1 | 0 | 2 | 12 |
| Marco das Três Fronteiras | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| Igreja N. S. do Perpétuo Socorro | 1 | 0 | 1 | 1 | 2 | 0 | 3 | 10 |
| Serra de São José | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | 7 |
| Mirante da Boa Vista | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | 7 |
| VICOSA | | | | | | | | |
| Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 | 0 | 2 | 7 |

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Com base nos resultados da hierarquização dos atrativos, foram estabelecidos índices de viabilidade turística, com o objetivo de indicar quais atrativos são passíveis de receberem investimentos públicos ou privados, bem como com a finalidade de apoiar os gestores públicos e privados na tomada de decisões.

Os índices de viabilidade foram calculados tendo como base a média da pontuação de todos os atrativos do polo. A partir da média e o desvio padrão da pontuação de todos os atrativos do polo, foram definidas três faixas de corte da pontuação, a fim de classificar os atrativos em inviáveis, viáveis com grandes adequações e viáveis com pequenas adequações. Para fins deste estudo, apenas os atrativos considerados inviáveis não são considerados como passíveis à implantação de SOT.

Assim, os atrativos classificados como inviáveis, foram aqueles que possuíram pontuação abaixo do valor da média do polo, menos o desvio padrão, ou seja, atrativos com uma pontuação entre 0 e 6 pontos.

Os atrativos considerados viáveis com grandes adequações, foram aqueles que possuíram uma pontuação entre 7 e 14 pontos, ou seja, entre a média e mais ou menos um desvio padrão. Por conseguinte, os atrativos considerados como viáveis com pequenas adequações foram aqueles que apresentaram uma pontuação acima da média mais o desvio padrão, ou seja, pontuações entre 15 e 23 pontos.

Nas Figura 9, 10, 11 e 12 é apresentado o resultado da classificação de viabilidade, de acordo com as pontuações supracitadas:

Figura 9 –Viabilidade turística dos atrativos do Polo Serrano – viável com pequenas adequações

| Viabilidade Turística dos Atrativos do Polo Serrano | | |
|--|---|------------------|
| Critérios | Atrativo | Município |
| Viável com pequenas adequações (15 a 23) | Igreja de Nossa Senhora da Conceição | Alexandria |
| | Lajedo Soledade | Apodi |
| | Olho D'água Park Hotel | Caraúbas |
| | Igreja de Santa Luzia | Doutor Severiano |
| | Complexo Turístico Mirante | Luís Gomes |
| | Cachoeira do Relá | Luís Gomes |
| | Igreja de Senhora Santana | Martins |
| | Igreja Matriz N. S. da I. Conceição | Martins |
| | Museu Histórico de Martins | Martins |
| | Museu Cultural Demétrio Lemos | Martins |
| | Mirante da Carranca | Martins |
| | Mirante do Canto | Martins |
| | Mirante Encanto da Serra | Martins |
| | Mirante Mãe Guilé | Martins |
| | Casa de Pedra | Martins |
| | Santuário de N. S. dos Impossíveis | Patu |
| | Igreja Matriz de N. S. das Dores | Patu |
| | Rampa de Voo Livre | Patu |
| | Igreja Matriz N. S. da Conceição | Pau dos Ferros |
| | Praça Monsenhor Caminha | Pau dos Ferros |
| | Casa de Cultura Popular | Pau dos Ferros |
| | Centro de Artesanato Maria Genúria Aires Rego | Pau dos Ferros |
| | Prefeitura de Pau dos Ferros | Pau dos Ferros |
| Praça de Eventos N. S. da Conceição | Pau dos Ferros | |
| Museu de Cultura Sertaneja | Pau dos Ferros | |
| Igreja de Nossa Senhora da Salete | Serrinha dos Pintos | |
| Terminal Turístico | Serrinha dos Pintos | |

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Figura 10 –Viabilidade turística dos atrativos do Polo Serrano – viável com grandes adequações

| Viabilidade Turística dos Atrativos do Polo Serrano | | |
|--|---|------------------|
| Critérios | Atrativo | Município |
| Viável com grandes adequações (7 a 14) | Casa de Cultura Popular | Alexandria |
| | Serra da Barriguda | Alexandria |
| | Escola Waldemar Sousa Veras | Alexandria |
| | Barragem de Santa Cruz | Apodi |
| | Centro Histórico de Apodi | Apodi |
| | Paróquia de São Sebastião | Caraúbas |
| | Casa de Cultura Popular de Caraúbas | Caraúbas |
| | Mercado Público de Caraúbas | Caraúbas |
| | Associação Artística, Cultural e Musical | Doutor Severiano |
| | Casa de Cultura de Frutuoso Gomes | Frutuoso Gomes |
| | Trilha do Pé de Serra | Frutuoso Gomes |
| | Museu Mumbaça | Frutuoso Gomes |
| | Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro | Frutuoso Gomes |
| | Igreja de São Francisco de Assis | José da Penha |
| | Açude da Barra | José da Penha |
| | Mercado Público de Luís Gomes | Luís Gomes |
| | Alto do Tabor | Luís Gomes |
| | Cruz dos Três Heróis | Lucrecia |
| | Casa de Egídio Dias | Lucrecia |
| | Caldeirões | Lucrecia |
| | Nicho Nossa Senhora do Livramento | Martins |
| | Memorial Manoel Lino de Paiva | Martins |
| | Museu Junior Marcelino | Martins |
| | Pedra Rajada | Martins |
| | Pedra do Sapo | Martins |
| | Associação Comunitária Sociocultural | Major Sales |
| | Museu Cultural Francisca Dantas de Moraes | Major Sales |
| | Museu Cultural de Major Sales | Major Sales |
| | Museu Rural de Patu | Patu |
| | Cruzeiro de São Sebastião | Patu |
| | Sítio Arqueológico do Jatobá | Patu |
| | Gruta de Jesuíno Brillhante | Patu |

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Figura 11 – Viabilidade turística dos atrativos do Polo Serrano – inviável (Parte 01/02)

| Viabilidade Turística dos Atrativos do Polo Serrano | | |
|--|--|---------------------|
| Critérios | Atrativo | Município |
| | Terminal Turístico | Pau dos Ferros |
| | Obelisco do Centenário | Pau dos Ferros |
| | Mercado Público M. Antônio Soares de Holanda | Pau dos Ferros |
| | Aeroporto de Pau dos Ferros | Pau dos Ferros |
| | Capela de São Benedito | Pau dos Ferros |
| | Mirante da Boa Vista | Portalegre |
| | Igreja de Nossa Senhora da Conceição | Portalegre |
| | Mirante Alto da Serra | Portalegre |
| | Mirante da Ponta Serra | Portalegre |
| | Torres de Portalegre | Portalegre |
| | Cachoeira do Pinga | Portalegre |
| | Terminal Turístico da Fonte Bica | Portalegre |
| | Parque da Lagoa de São Miguel | São Miguel |
| | Praça de São Miguel | São Miguel |
| | Serra do Serrote Verde | São Miguel |
| | Pedra do Nariz | Serrinha dos Pintos |
| | Lajedo de Tota | Serrinha dos Pintos |
| | Lajedo dos Bastiões | Serrinha dos Pintos |
| | Trilha do Poço da Vaca | Riacho da Cruz |
| | Santuário de Frei Damião | Venha Ver |
| | Igreja N. Senhora do Perpétuo Socorro | Venha Ver |
| | Serra de São José | Venha Ver |
| | Mirante da Boa Vista | Venha Ver |
| | Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro | Viçosa |

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Figura 12 –Viabilidade turística dos atrativos do Polo Serrano – inviável (Parte 02/02)

| Viabilidade Turística dos Atrativos do Polo Serrano | | |
|--|---|------------------|
| Critérios | Atrativo | Município |
| Inviável (0 a 6) | Serra de Santana | Alexandria |
| | Instituto Zulmirinha Veras | Alexandria |
| | Zoológico de Pedras | Apodi |
| | Casarão do Sabe Muito | Caraúbas |
| | Casa de Quincas Saldanha | Caraúbas |
| | Museu Cultural do Sertanejo Chico Bento | José da Penha |
| | Casa de Engenho | Luís Gomes |
| | Casa de Farinha | Luís Gomes |
| | Açude de Lucrecia | Lucrecia |
| | Trilha do Mirante de São João | Lucrecia |
| | Trilha do Pôr-do-Sol | Martins |
| | Reserva Ecológica do Senhor Clezinho | Martins |
| | Pontinho de Cultura | Major Sales |
| | Barragem de Pau dos Ferros | Pau dos Ferros |
| | Feira Livre de Pau dos Ferros | Pau dos Ferros |
| | Casa de Câmara e Cadeia | Portalegre |
| | Açude do Jacó | São Miguel |
| | Açude Bonito | São Miguel |
| | Marco das Três Fronteiras | Venha Ver |

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Cabe salientar que todas as pontuações foram atribuídas com base nas pesquisas e observação in loco realizada pelos pesquisadores, outrossim, as mesmas são passíveis de revisões à luz de critérios imparciais e estritamente técnicos, a fim de que se possa atingir resultados mais próximo da realidade dos atrativos.

5. Considerações

O diagnóstico turístico de uma localidade, realizado com base no repertório dos atrativos selecionados, é ferramenta imprescindível de planejamento, tendo como premissa a investigação do fenômeno turístico sob diferentes ângulos de observação, ou seja, sob a forma de segmentos de mercado.

Com base no diagnóstico turístico é possível desenvolver um plano funcional ou estudo preliminar, que corresponde representação, por meio de um esquema geral, da aplicação sintetizada dos critérios básicos definidos na estratégia de SOT. O plano funcional ou estudo preliminar consiste na definição e desenvolvimento do projeto para implantação de sinalização turística e rotas de acesso aos atrativos turísticos, contendo os elementos necessários e suficientes para o entendimento do objeto, nos seus aspectos conceituais e técnicos.

“Para o planejamento da sinalização, deve ser dada especial atenção às possibilidades de segmentação que consideram a motivação básica e as atividades turísticas características de determinado destino. Muitos são os segmentos decorrentes da observação sob esse prisma” (EMBRATUR, DENATRAN, IPHAN, 2001, p. 20).

A estratégia de sinalização é basicamente a definição de como pedestres e usuários de veículos podem utilizar a infraestrutura local, para atingir os atrativos existentes por meio da escolha dos melhores trajetos. Partindo-se da abrangência e do conhecimento que a população tem desses atrativos, é possível selecioná-los e hierarquizá-los.

A preservação e, ao mesmo tempo, a compreensão dos atrativos são uma constante nos dias de hoje. “O processo de preservação é extremamente complexo e, por que não dizer, difícil, tendo em vista que demanda recursos nem sempre disponíveis e, às vezes, vai de encontro a um processo de crescimento urbano nem sempre saudável” (RODRIGUES; AMORIM, 2018, p. 196).

A despeito de sua importância em nível nacional e internacional, o Polo Turístico Serrano não possui placas de SOT, sejam indicativas e/ou informativas e/ou interpretativas dos seus atrativos. Contudo, existem algumas placas comemorativas e placas indicativas, sendo todas sem um padrão definido e colocadas em locais geralmente, inapropriados, por dificultarem, de alguma forma, uma leitura plena de monumentos ou conjuntos urbanos.

Nota-se que é necessária a implantação de um sistema coerente de SOT no Polo, que contemple as normas de acessibilidade e visibilidade além das normas de

preservação dos monumentos históricos e artísticos, garantindo a informação e valorizando o conjunto de atrativos do Polo Serrano.

6. Referências

Amorim, E. S., & GOMES, K. B. M. Avaliação dos níveis de acessibilidade em vias públicas: estudo na Rua de Santa Cruz, Recife/PE. *In: XXXI Congresso Nacional de Pesquisa em Transporte da ANPET*, 2017, Recife/PE. Anais ANPET 2017.

Brasil. Ministério do Turismo. *Inventário da Oferta Turística – Estratégia de Gestão*. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

Brasil. Ministério do Turismo. *Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo 07 - Relatório de Roteirização Turística*. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

Brasil. EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo. DENATRAN - Departamento Nacional de Trânsito. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Guia Brasileiro de Sinalização Turística*. 1 ed. Rio de Janeiro, 2001.

Moraes, A. G. Sinalização e turismo: análise da sinalização turística existente no espaço turístico do pontal norte em balneário Camboriú-SC. *Turismo y Desarrollo Local*. v. 3, n. 8, p. 1-20, 2010. Disponível em: https://econpapers.repec.org/article/ervturdes/y_3a2010_3ai_3a8_3a14.htm Acesso em: Dez/2022.

Rodrigues, A. P. & Amorim, E. S. Conceitos, argumentos, estratégias, métodos, técnicas e problemáticas envolvendo a implantação da sinalização de orientação turística em sítios históricos. *Revista Hospitalidade*. v. 15, n. 1, p. 180–197, 2018. Doi: <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2018v15n1.805>

Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte – SETUR/RN. *Projeto Executivo de Sinalização Turística para os Polos Turísticos do Rio Grande do Norte -Serrano e Agreste/Trairi*. Autoria: Consórcio ATP/PREMIER. Natal: SETUR-RN, 2016.

Silva, V. P. & Castro, C. A. T. A percepção dos viajantes locatários de veículos sobre a sinalização de orientação turística de Natal-RN. *Turismo - Visão e Ação*. v. 19, n. 3, p. 589-613, 2017. Doi: <https://doi.org/10.14210/rtva.v19n3.p589-613>